

A EXPRESSÃO FALADA E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUAS

Maria das Dores Wouk *

O fator dominante da personalidade do homem culto é a língua que fala, pois esta continua sendo hoje, mais do que no passado, o principal meio de contato e comunicação entre as pessoas, além de se constituir em veículo do pensamento e da ação.

A comprovação de que "o elemento primário e criador da língua reside na sua forma articulada"¹ é relativamente recente para ser aceita pelo grande público e mesmo pelos estudiosos. Os métodos de muitos professores evidenciam que, para eles, a língua se identifica com a sua forma escrita.

Não se pode negar, a distância que separa a língua falada da escrita é às vezes enorme, sobretudo em algumas línguas. Assim, no francês por exemplo distingue-se a fala culta da familiar, da cotidiana e da popular, estas mais livres e espontâneas, em graus diferentes, assim como, a escrita comum da literária, cada qual com seu estilo próprio.

Embora a comparação formal entre os elementos constitutivos dessas várias modalidades nos permita estabelecer distinções de ordem estilística, no plano da linguagem existe um único problema: a própria língua.

Uma outra distinção, que afeta sobretudo os meios de comunicação, prende-se aos aspectos audio-oral e visual da língua. O primeiro é dinâmico; o segundo, permanente. Esta distinção foi estabelecida

* Maria Das Dores Wouk é Professor Adjunto do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e Livre Docente com a tese *Os meios Audiovisuais no ensino das línguas vivas* pela Universidade Federal do Paraná (1965). Com vários estágios e cursos na França publicou artigos em revistas especializadas e as obras *Treinamento em micro ensino* (Curitiba, Imprensa da Universidade, 1973) e *Noções de Didática geral* (Curitiba, Editora dos Professores, 1970). No 23º número da revista *Letras* publicou *A psicolinguística e o ensino das línguas*.

¹ MARTINET, André. *Langue parlée et code écrit*. In: *Théorie linguistique à l'enseignement de la langue*. Paris, Presses universitaires de France, 1972. p. 77.

por Ferdinand de Saussure,² que sublinhou o aspecto linear do significante:

Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos. Fica assim evidenciada a importância do diálogo na língua falada.

Os meios modernos de comunicação, como o telefone, o rádio e a televisão, enfatizam a língua falada e contribuem enormemente para que lhe seja dada a primazia no uso diário e contínuo. Além disso, depois do surto que tiveram os estudos dialetológicos, em fins do século passado, os pesquisadores voltaram-se para as manifestações orais da língua, como os mais importantes documentos e testemunhos no processo histórico das línguas. Mesmo para fins pedagógicos, aplicáveis ao ensino quer da língua materna quer de uma língua estrangeira, são hoje imprescindíveis as pesquisas sobre as formas lingüísticas da comunicação diária.

Assim procederam os autores do "Français Fondamental". Apoiaram-se exclusivamente na língua oral para estabelecer o vocabulário mínimo da língua francesa. Michel Debène dá a sua opinião:

As primeiras aplicações pedagógicas decorrentes das experiências de St. Cloud colocam a forma escrita em segundo plano e concentram todos os esforços numa pedagogia da forma oral.³

O "status" que a língua oral adquiriu no ensino veio, de certa maneira, amenizar a hipertrofia da língua escrita na lingüística tradicional. Tal prestígio foi consequência natural do fato de que toda a comunicação se realizava por meio da escrita. Até há pouco tempo, a filologia e a lingüística dedicavam-se exclusivamente ao exame e estudo dos textos.

A posição atual, aparentemente heterodoxa, justifica-a ainda Michel Dabène, ao afirmar:

Talvez nestes próximos anos se esbozem nos métodos modernos concepções mais equilibradas entre a expressão oral e a expressão escrita, considerada como um meio de comunicação específica e que corresponde às exigências e às necessidades igualmente prioritárias. O problema atualmente não é mais o da passagem de um código ao outro, mas de confirmação de dois tipos de comunicação, igualmente necessários.⁴

2. De alguns anos para cá, uma outra disciplina conexa vem dan-

2 SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 5. ed. São Paulo, Cultrix, 1973. p. 84.

3 DABÈNE, M. L'écrit en question. *Le Français dans le Monde*, Paris, 14 (109): 6-7. déc. 1974.

4 Ibid.. p. 7.

do um sentido de complementaridade à Filologia e à Lingüística: a Lingüística Aplicada, que tem como objetivo primordial o estudo da língua em funcionamento, sem diminuir a importância da língua escrita, da língua culta e da língua literária.

Os dados que a Lingüística Aplicada fornece, somados aos que se conseguiu também na Psicolingüística e na Teoria da Informação, levam-nos a concluir que, no mundo atual, é necessário dar mais importância ao ensino da língua falada culta.

Contudo, importa distinguir o ensino da língua materna do ensino de uma língua estrangeira. Em primeiro lugar, o estudante de língua estrangeira não tem as mesmas necessidades lingüísticas que aquele que se preocupa em aperfeiçoar o conhecimento de sua língua materna. Em segundo lugar, num mesmo nível de ensino, o professor da língua materna e o da língua estrangeira encontram dificuldades diametralmente opostas. Um deve prescrever aos alunos exercícios preventivos de transcrição de fonemas, a fim de que eles evitem erros de ortografia. Ao outro cumpre exercitá-los na fonética, para prevenir uma pronúncia defeituosa de sons desconhecidos, que aparecem apenas simbolizados na escrita.

São inúmeros os problemas que surgem no ensino da língua falada. Primeiramente, o professor deve conhecer perfeitamente o seu sistema fonológico. Além disso, deve adotar duas metodologias diferentes: uma para o ensino da língua materna e outra para o da língua estrangeira. Sendo disciplinas distintas, elas requerem estudos específicos, não só quanto à maneira de serem ensinadas, mas também quanto aos objetivos visados, tendo em vista a sua aplicação.

A fim de resolver as controvérsias, é necessário desenvolver pesquisas diversificadas, mediante cujos resultados se estabeleçam, em parâmetros científicos, a prioridade metodológica do ensino da língua falada. Contudo, frise-se, essa prioridade jamais deve resultar em menosprezo da língua escrita. Além do mais, seria temerário desprezar a língua escrita, não só devido à herança cultural que ela nos transmite, como também à necessidade que tem o aluno de ver escrito o conhecimento que adquire oralmente.⁵

De fato, a escrita leva enorme vantagem no tempo e no espaço, pois, além de ser a depositária da herança cultural de uma comunidade ou de um povo, ela permite o intercâmbio das descobertas científicas, que geram o progresso da humanidade. Estando na origem da civilização e continuando a ser a sua base, não seria admissível excluí-la de um curso de língua.

3. Resta saber, do ponto de vista metodológico, em que momento se deve iniciar o ensino da forma escrita. É uma indagação que desafia os especialistas. Mas há outras ainda: este ensino far-se-ia

5 WITTWER, J. *L'expression écrite et ses problèmes. Le Français dans le Monde*, Paris, 5 (36): 14-6 oct./nov. 1965.

paralelamente ao da forma oral? ou seria melhor separá-lo em duas fases distintas? Qual seria a duração ideal para o ensino da forma oral, antes de iniciar o da escrita?

Esses problemas não têm solução fácil; ao contrário, apresentam variantes complexas. A leitura é um caso típico dessa complexidade, pois requer um processo de interpretação, que recorre simultaneamente às faculdades visuais, auditivas e articulatórias.

Até hoje não se encontrou solução satisfatória. As que foram propostas diferem segundo a finalidade do ensino, o programa e as necessidades dos utentes da língua. Na realidade, a análise desse problema compete mais à metodologia do que à lingüística aplicada; de modo que os estudiosos do assunto tentam decompô-lo mediante a formulação de alguns princípios já comprovados experimentalmente.

Levando em conta a preconizada prioridade da forma oral, o ensino da escrita já se inicia com certa defasagem. Contudo, a metodologia desaconselha o ensino paralelo, com base nos seguintes princípios:

a) a imagem escrita influí desfavoravelmente sobre a pronúncia na maioria dos casos, impedindo uma assimilação perfeita da forma oral;

b) quando as duas formas são ensinadas paralelamente, a atenção dispersa do aluno é prejudicial ao progresso da aprendizagem, porque dele são exigidas atividades diversas;

c) a introdução da forma escrita num estádio posterior permite a revisão global dos conhecimentos adquiridos sob forma de automatismos, pois a língua já entrou em funcionamento na forma áudio-oral.

Se, por um lado, nessa fase do ensino a forma escrita consolida os conhecimentos obtidos na áudio-oral, por outro lado, os elementos assimilados constituem ponto de apoio e de fixação para os da escrita, que se sobrepõe à oral. Há, pois, uma espécie de realimentação mútua e contínua.

Portanto, não somente é impossível omitir o ensino da forma escrita, mas também retardar muito essa fase. Contudo, é difícil estabelecer o lapso de tempo que deve mediar entre as duas fases. Este aspecto do problema só pode ser resolvido se se levar em consideração cada curso em separado e as várias situações que envolvem o ensino, tais como: o público interessado, o uso que o aprendiz pretende fazer da língua, o número de horas de ensino, a idade, o nível cultural e intelectual dos alunos e os recursos técnicos disponíveis.

É preferível adotar o segundo critério: os alunos podem entrar normalmente em contato com a escrita a partir do momento em que não haja mais o perigo de confundirem a pronúncia, isto é, quando os exercícios de fonética tiverem contribuído eficazmente para o domínio das dificuldades básicas que a segunda língua lhes apresenta. Para aqueles cuja língua materna é o português, por exemplo, essas

dificuldades básicas seriam os sons peculiares do francês, do inglês, do alemão, do espanhol ou de outra língua que estejam aprendendo.

Em suma, antes de abordar a escrita, o professor deve ter o máximo cuidado nos exercícios progressivos de fonética, em que propiciará aos alunos:

a) condições para uma perfeita audição da língua, sem a qual eles não alcançarão uma pronúncia correta;

b) exercícios de entonação, para destacar a musicalidade da língua que ensina.

Procedendo a um inventário dos erros mais comuns por eles cometidos, o professor poderá estabelecer a progressão fonética em determinada língua e analisar os dois sistemas fonéticos. O ideal seria assistir cada aluno individualmente, para que a pronúncia do conjunto da classe não seja prejudicada pela forma escrita de novas cadeias sonoras ou de novos vocábulos. A análise dos erros cometidos evidencia a importância que a lingüística aplicada confere à comparação entre a língua-fonte e a língua-alvo.

Na prática, o processo de ensino de uma língua passa pelos seguintes estádios: ouvir, falar, ler, escrever. Eles não significam uma progressão, mas uma sucessão didática. Naturalmente, a distância que separa a fase oral da escrita vai se reduzindo progressivamente, sem nunca perder de vista o princípio da assimilação oral prévia.⁶

4. **A Integração cultural e o ensino de línguas.** O problema da forma escrita de uma língua leva-nos a considerar outro não menos complexo: a integração do ensino da literatura, como expressão cultural, ao ensino da lingüística. Há sobre o assunto apenas estudos esparsos e não sistemáticos.

É evidente que a lingüística por si só constitui um ensino cultural, uma vez que a língua representa os aspectos principais da cultura de uma comunidade. A experiência nos demonstra que o uso ativo de uma língua estrangeira conduz à civilização da qual é ela o veículo. O ambílíngue, o que em perfeito domínio da L1 e da L2, poderá ler no original as obras literárias escritas nessas línguas e perceber-lhes as filigranas do contexto social, político e antropológico.

A prioridade da forma oral facilita a leitura de textos contemporâneos e de modo particular, de obras de teatro, as quais se constituem numa base excelente para penetrar na cultura de um povo. É evidente que a leitura de textos antigos torna-se fastidiosa e desinteressante num estádio inicial, uma vez que o leitor seria obrigado a um exercício de decifração. Tal procedimento, além de cansativo e mesmo prejudicial, não traria nenhum benefício no que se refere

6 PLASTRE, G. *Refléxions sur la méthodologie visuelle structuroglobale en regard des principes généraux de la didactique des langues secondes. Revue de Phonétique Appliquée*, Paris (3): 51, 67, 70, 1963.

à integração cultural. Ler Corneille, Racine, Dante, Shakespeare em cursos de ensino médio seria, no mínimo, improdutivo.⁷

Para estudantes de cultura média, a língua desses autores é arcaica, como o é também para os próprios falantes da língua de origem. Obras dessa profundidade só são acessíveis a pessoas de boa formação específica, que nelas buscam um sentido de maior profundidade ou uma interpretação original. Outros fazem dessa leitura um passatempo.

Quando se trata de integração cultural é mais aconselhável a ação discreta e segura do que o avanço precipitado, que não redundará em benefício nem para o ensino, nem para a aprendizagem. O critério a ser adotado na seleção de autores e de textos deveria ser o psicológico, dando-se preferência às obras e aos autores que trazem uma mensagem atual, que vem de encontro aos anseios dos jovens.

Contudo, há uma realidade que não se pode ocultar: muitos são os alunos que não dispõem de tempo e mesmo não desejam estudar uma língua, orientando seus estudos para os objetivos culturais. Por outro lado, observa-se que o ensino técnico de uma língua estrangeira oferece ao estudante maiores atrativos por sua aplicação prática.

Nas próximas décadas será a preocupação máxima dos lingüistas e dos metodologistas adaptar cursos de ensino técnico das línguas estrangeiras, a fim de atender a um público cada vez mais vasto e interessado. É inegável que os conhecimentos técnicos também se incorporam à cultura dos docentes, sobretudo no domínio das línguas.

Chegamos ao ponto nevrálgico da questão: a formação de professores de línguas. Eles carecem de uma formação adequada e atualizada, sobretudo em Lingüística Aplicada, disciplina recente, mas que se reveste da maior importância para o ensino.

A Lingüística Aplicada é a disciplina intermediária entre a Lingüística Geral e a Metodologia, não podendo esta prescindir do seu suporte por razões de eficácia e economia. A Metodologia cumpre ordenar o material bruto que lhe é fornecido pela Lingüística Aplicada e transformá-lo em material de consumo mediante exercícios preventivos e corretivos, adaptados ao público visado.

Finalizamos estas considerações, na convicção de que o conhecimento de línguas estrangeiras é uma necessidade para um mundo em constante evolução, que se transformou numa aldeia global, graças à multiplicidade de comunicação e de informações. Hoje somos cidadãos de um mundo cada vez mais condicionado por relações internacionais de compreensão mútua.⁸

A época atual usufrui de benefícios de uma técnica avançadíssima

7 DEBYSER, Francis, *Introduction. Le Français dans le Monde*, Paris, 9 (65): 4-12, juin 1969.

8 Ibid., p. 4

em eletrônica e em tantos outros setores, a qual era desconhecida de nossos ancestrais. Divulgar o ensino de línguas chegou a ser mesmo uma contribuição para a compreensão entre os homens, uma vez que a língua traduz o espírito de um povo.

Os professores de línguas devem se convencer do papel importante que podem desempenhar e se conscientizarem da necessidade de formar-se e de reformar-se, buscando na atualização constante meios que lhes propiciem uma atuação sempre mais eficaz na delicada arte de ensinar.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AUPERCLE, M. *L'apprentissage du français langue vivante*. Beirute, Libr. Antoine, 1972. 319 p.
- CHAGAS, Valnir. *Didática das línguas modernas*. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 504 p.
- CORNELIUS JR., Edwyr T. *O ensino do idioma*. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 166 p.
- DABÈNE, M. *L'écrit en question. Le Français dans le Monde*, Paris, 14(109):6-9, déc. 1974.
- DEBYSER, Francis. *Introduction. Le Français dans le Monde*, Paris, 9(65):4-12, juin 1969.
- GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. *Lingüística e ensino do português*. Coimbra, Académica, 1973. 443 p.
- GUÉNOT, Jean. *Clef pour les langues vivantes*. Paris, Seghers, 1974.
- HALLIDAY, M.A.K. et alii. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis, Vozes, 1974. 349 p.
- LADO, Robert. *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis, Vozes, 1971. 178 p.
- MARTINET, Jeanne. *Théorie linguistique à l'enseignement de la langue*. Paris, Presses Universitaires de France, 1972. 248 p.
- PLASTRE, G. *Réflexions sur la méthodologie visuelle structuroglobale en regard des principes généraux de la didactique des langues secondes*. *Revue de Phonétique Appliquée*, Paris, (3), 1966.
- ROCHE, A. *L'étude des langues vivantes*. Paris, Presses Universitaires de France, 1955. 126 p.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística aplicada*. 5. ed. São Paulo, Cultrix, 1973. 279 p.
- WITTWER, J. *L'expression écrite et ses problèmes. Le Français dans le Monde*, Paris, 5(36):14-16, oct./nov. 1965.

Resumo

A autora focaliza a importância do aspecto áudio-oral no ensino das línguas estrangeiras, contrariando a longa tradição de os professores tomarem como base de seu ensino unicamente a língua escrita e, particularmente, a literária.

Justifica o seu ponto de vista com os princípios da Sociolinguística, já comprovados em muitas pesquisas, a qual considera os vários níveis existentes no uso de qualquer língua de civilização, destacando a primazia da modalidade oral na comunicação diária.

Daí a necessidade de o ensino nas escolas se voltar para a língua oral, sem contudo relegar ao abandono a língua escrita, que manterá

sempre o seu prestígio cultural. Importa, portanto, mudar os procedimentos didáticos, adaptando-os às novas necessidades dos que aprendem e aos objetivos visados. Obedecendo à ordem natural na aprendizagem — ouvir, falar, ler e escrever — obviamente esse ensino deverá ser encetado no aspecto áudio-oral.

Quanto ao momento em que deve ser abordada a fase escrita, a experiência demonstra que ele depende de vários fatores, entre os quais figuram: a finalidade do ensino, o nível da classe, a idade dos alunos, o número de horas de ensino e os recursos técnicos disponíveis. No ensino da literatura, recomenda a adoção de textos de escritores contemporâneos, de maior interesse para os alunos do que os clássicos.

Finalmente, frisa a exigência da boa formação didática do professor de línguas, fundamentada científicamente na Lingüística e na Lingüística Aplicada.

Résumé

Dans cette étude, l'auteur voit l'importance de l'aspect audio-oral de l'enseignement des langues étrangères, en opposition à la vieille tradition de considérer la langue écrite, voire littéraire, comme l'unique base de cet enseignement.

Elle justifie sa manière de penser par la Sociolinguistique, dont les principes sont prouvés par de nombreuses recherches. Cette nouvelle branche de la Linquistique n'ignore pas les divers niveaux d'usage de n'importe quelle langue de civilisation et met en relief le langage oral de tous les jours.

Conséquemment, il faut que la forme orale soit enseignée à l'école, à côté de la forme écrite, qui maintiendra toujours son prestige culturel. Pour cela, les méthodes devront s'adapter aux nouvelles nécessités des élèves et aux objectifs de l'enseignement. Suivant l'ordre naturel — entendre, parler, lire et écrire — cet enseignement devra commencer par la phase audio-oree.

A quel moment l'élève sera mis en contact avec la forme écrite? L'expérience a montré que ce moment dépend de plusieurs circonstances: les objectifs de l'enseignement d'une langue étrangère, le niveau intellectuel et culturel des élèves, leur âge, le nombre de sessions et les moyens techniques disponibles.

La littérature devra être étudiée au moyen de textes contemporains, plus intéressants pour les élèves que les classiques.

Pour cela, il y a une exigence naturelle: que le professeur de langues reçoive une formation didactique inspirée dans la Linguistique Générale et la Linguistique Appliquée.